

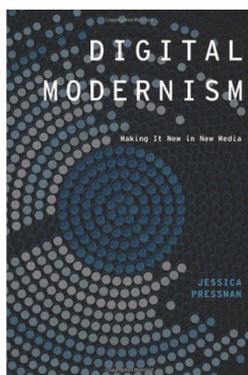
O Literário Será Sempre Moderno?

O Novo Nostálgico da Literatura Eletrônica

SANDRA BETTENCOURT

CLP | Universidade de Coimbra

Bolsista da FCT



Jessica Pressman, *Digital Modernism: Making it New in New Media*. Oxford, Oxford University Press, 2014, 240 pp. ISBN 978-0-19-993710-3

Partindo da asserção de que o tempo presente da literatura, especialmente ao nível das produções eletrônicas e digitais, é marcado por uma obsessão pela produção do novo, Jessica Pressman propõe-se investigar as bases em que a produção de tal novidade assenta. O interesse de investigação recai sobre a literatura eletrônica contemporânea, afastada já das práticas hipertextuais e comprometida com a estética e a materialidade dos novos média. Tal comprometimento com os modos de funcionamento das mediações em que se inscreve motiva a autora a estabelecer paralelos recursivos com os exercícios literários vanguardistas do Modernismo. O argumento é de que o novo na literatura dos novos média é conseguido através de remediações de processos modernistas que exploram, igualmente, as possibilidades dos novos meios de então.

Digital Modernism, uma monografia que resulta da investigação de doutoramento da autora, é organizada em seis capítulos que descrevem os diversos pontos de contacto entre as poéticas modernistas e a literatura digital. A digressão temporal conduz-nos até algumas figuras seminais do Modernismo literário e dos seus estudos — sendo a primeira referência Ezra Pound, cujo *dictum* “MAKE IT NEW” abre epigraficamente a obra — detendo-se em Marshall McLuhan, James Joyce e Bob Brown, de forma a estabelecer um “commitment to literariness and a literary past” (2) das obras de literatura digital que

compõem o *corpus* de análise. A análise é levada a cabo através de processos de *close reading*, uma prática reclamada pela autora como fulcral para a compreensão dos textos em causa.

A reivindicação da prática de *close reading* (leitura atenta que tem por objetivo uma compreensão profunda do texto através da atenção às particularidades, complexidades e diferentes camadas interpretativas desse mesmo texto) é um dos pontos centrais do argumento de Pressman. Esta defesa da técnica de *close reading* é estratégica e acontece como crítica aos processos de leitura que privilegiam a compreensão geral, e não particular, do texto e que são muitas vezes associados às performances textuais dos novos média. Tal é o caso da *speed reading* que pode ser descrita como uma perceção segmentada do texto provocada pela redução dos processos de subvocalização e por um reconhecimento de padrões visuais (*skimming*). É em torno do primeiro modelo de leitura que a autora irá desenvolver o seu argumento de que a literatura digital se encontra num momento de reconfiguração, enquanto crítica à sobre-determinação tecnológica e ao seu impacto nos processos literários. A novidade é, então, a resistência a mecanismos mais inovadores através do resgate de modos de escrita e leitura predecessores, e que a autora reconhece nas estéticas e poéticas das vanguardas modernistas: “text-based, aesthetic difficult, and ambivalent in their relationship to mass media and popular culture [that] challenge contemporary culture and its reigning aesthetic values” (2).

É notório, ao longo de toda a obra, um esforço de validação das obras eletrónicas pela relação estabelecida com o cânone modernista, que a autora associa a valores como inovação, dificuldade e investimento hermenêutico, e que são fundamentais para a definição do modernismo digital: “an aesthetic of restraint [...] minimalism as a conscious act of rebellion [...] by returning to an older aesthetic of difficulty and the avant-garde stance it invokes” (7-9). Ou seja, as obras modernistas digitais reclamam uma estética minimalista enquanto recusa de um certo tecnodeterminismo que parece dominar a contemporaneidade. Esta reivindicação do minimalismo tecnológico exige, contudo, uma leitura comprometida, atenta e profunda. É neste estabelecimento comparativo entre as estéticas e poéticas do Modernismo e do Modernismo Digital, sublinhado pela *close reading*, que Pressman localiza e justifica a literariedade do último. Sendo a literariedade (*literariness*) um conceito desenvolvido no início do século XX pela escola crítica denominada de Formalismo Russo — que atribui valor literário a uma obra através da identificação de determinadas características linguísticas e semióticas — Pressman reconhece esse valor literário do *corpus* selecionado na recuperação das práticas modernistas, sendo que, para a autora, “making it new in new media” torna-se possível pela fricção temporal que permite uma insurgência contra discursos e/ou práticas hegemónicas contemporâneas.

Não obstante o facto de a recuperação da técnica de *close reading* em ambiente digital — como exercício empírico e postulado teórico — ser um sólido argumento na defesa da relação entre práticas digitais e modernistas, o

exercício carece de um posicionamento crítico mais definido (sendo esta apologia assente em sede modernista, convém reconhecer que aquela não é uma prática exclusiva do Modernismo). Ao longo da exposição e argumentação, parece que, apenas pelo estabelecimento de um diálogo com o cânone modernista, estas obras digitais se constituem enquanto literárias. Ou seja, que é através da recuperação, iteração e adaptação dos modelos modernistas que se pode reconhecer uma literariedade nas obras digitais contemporâneas. Esta relação é inicialmente estabelecida através de uma revisitação do *New Criticism* modernista de Marshall McLuhan. O primeiro capítulo é dedicado à revisão dos princípios teóricos e das metodologias que caracterizam o trabalho daquele que é considerado o “pai dos estudos de mídia”. McLuhan — teórico pioneiro no estabelecimento da relação entre questões de mediação e literatura que reclamam a prática de *close reading* —, é desde o primeiro momento uma das figuras orientadoras do projeto de Pressman. É a partir da teoria mcluhaniana que a autora estabelece o diálogo com algumas das maiores figuras do modernismo literário, focando-se principalmente em Ezra Pound e James Joyce, que irão informar a argumentação e análises desenvolvidas nos capítulos seguintes.

O segundo capítulo é dedicado ao estudo de *Project for Tachistoscope {Bottomless Pit}* (William Poundstone, 2005), uma remediação computacional em *Flash* do taquitiscópio, uma máquina de aceleração de reconhecimento visual dos séculos XIX-XX. A obra é analisada à luz do projeto *Readies* (uma máquina de *speed reading* criada pelo escritor modernista Bob Brown), reconhecendo em ambas as produções a centralidade da “maquinicidade” literária, não só nos processos de escrita mas também de leitura. A relação entre a animação textual eletrónica e o paradoxo *speed reading* versus *close reading* é desenvolvida no momento seguinte. Através da análise de *Dakota* (Young-Hae Chang Heavy Industries, 2002) a autora apresenta outra forma de remediação: a reconceptualização do movimento cinematográfico enquanto marca indelével do Modernismo — a montagem — através do *software Flash*. Pressman argumenta que a obra digital *Dakota* frustra as expectativas, dando lugar ao novo pela impossibilidade de uma relação interativa com a obra e pela promoção da *close reading*. A argumentação é ainda sustentada por uma leitura dos palimpsestos que *Dakota* estabelece com os textos *Cantos I e II* de Ezra Pound, relacionando a montagem cinematográfica veiculada na obra eletrónica com a técnica literária da “super-position”, ou “one image poem”, desenvolvida por Ezra Pound. Tal exercício comparativo sustém a argumentação da autora de que é através da remediação, da consciência medial e de uma estética cinematográfica recuperada de Ezra Pound, que as obras complexificam a sua legibilidade e exigem um maior investimento hermenêutico.

O esforço de uma constante credibilização das obras modernistas digitais pela identificação com práticas do alto Modernismo literário prossegue quando Jessica Pressman faz coincidir, por exemplo, a lógica da base de dados evidente em *The Jew's Daughter* (Judd Morrissey, 2000) com a técnica narrativa

modernista por excelência, o *stream of consciousness* (modo de representação do fluxo dos processos de pensamento através de associações livres, não lineares, da percepção da experiência da subjetividade). A autora argumenta que *The Jew's Daughter* “updates stream of consciousness by remediating both the printed page and electronic hypertext” (105) numa emulação do funcionamento da memória.

A reflexão final incide sobre a vitalidade da textualidade impressa na idade digital e sobre o romance impresso enquanto manifestação do Modernismo Digital. Pressman argumenta que o romance *Only Revolutions*, de Mark Z. Danielewski, é altamente informado por outros média que não o código, promovendo igualmente práticas modernistas digitais: “close-reading and also comparative, media-specific, and media archeological approaches.” (160). Na sua perspectiva, *Only Revolutions* atualiza estratégias modernistas, como a onomatopeia de *Finnegans Wake* ou a técnica *stream of consciousness*, enquanto chamada de atenção para o caráter medial da linguagem. Para Pressman, a obra de Danielewski dissemina o princípio do Modernismo Digital na página impressa ao produzir o novo num suporte antigo em interseção com práticas de vanguarda.

A relação desenvolvida em *Digital Modernism* entre a literatura digital e o Modernismo — também investigada por teóricos como McLuhan, Kittler e Manovich, entre outros — é produtiva ao chamar a atenção para a importante retroação entre média e literatura. Contudo, o canal de leitura proposto por Pressman parece ser demasiado estreito, ou comprometido, favorecendo uma interpretação que pode, perigosamente, aproximar-se mais de uma instrumentalização do Modernismo, do que de uma possibilidade para a produção do novo. Isto porque a leitura atenta do cânone modernista e de obras mais ou menos explicitamente invocadas pelos projetos literários digitais que analisa, tende a excluir, por exemplo, a distinção entre Modernismo e *Avant-Garde* (como o fazem Maria Engberg e Jay David Bolter em “Digital Literature and the Modernist Problem” [2011]). Este revela ser um dos problemas da defesa extremada de uma *close reading* num projeto que pretende questionar períodos extensos e heterogêneos de produção literária. Porque a obra é resultado de um estudo monográfico, a autora elege um período específico que melhor sirva a sua argumentação. É a estratégia correta, evidentemente. A questão é que *Digital Modernism* não esclarece que tais práticas, experimentações e produções do novo não são exclusivas do Modernismo nem do Modernismo Digital, arriscando-se em conjeturas algo lineares e de causa e efeito, como a relação que estabelece entre os estudos de caso parece sugerir. E tudo o que teve lugar antes, durante (porque é difícil falar de um único Modernismo) e depois? É rasurado porque não serve o argumento.

É importante o esforço de Pressman em demonstrar que os mecanismos e processos da literatura eletrónica e digital, assim como os seus modos de funcionamento são fundamentais para os processos de leitura que geram. Também são pertinentes as conexões entre estes processos e os projetos

modernistas em que a autora sublinha a necessidade de uma reflexão acerca da materialidade literária. Contudo, este é um estudo em convergência que beneficiaria de uma certa divergência. Isto é, as considerações levadas a cabo por Pressman acerca das relações entre o Modernismo e novas estéticas e poéticas literárias digitais acabam por ser demasiado pacíficas. As transições temporais, históricas e mediais delineadas não oferecem resistência, ofuscando o que também interessa perceber: onde reside (ou se reside para a autora) a especificidade de cada meio.

Digital Modernism beneficiaria de uma reflexão sobre o grande paradigma antecessor, o pós-modernismo (por exemplo, como faz Alan Kirby em *Digital modernism: How New Technologies Dismantle the Postmodern and Reconfigure our Culture* [2009]). Ou ainda de um diálogo com paradigmas emergentes como o pós-digital e o metamodernismo, que oferecem possibilidades complementares e atualizadas da problematização das configurações da literatura digital, ampliando os canais de diálogo entre práticas literárias contemporâneas e modernistas.

© 2015 Sandra Bettencourt.

Licensed under the [Creative Commons Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 4.0 International \(CC BY-NC-ND 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).